

Relações saussurianas e o princípio da analogia: considerações acerca da formação de novas palavras

Camila DE BONA¹

Resumo: Neste artigo, elucidamos alguns conceitos importantes da teoria saussuriana, tais como as relações sintagmáticas e associativas, para melhor podermos compreender o fenômeno que se faz central em nossa análise neste trabalho, qual seja o fenômeno da analogia. Com este fim, retomamos as ideias centrais concernentes à analogia presentes no Curso de Linguística Geral (CLG) e traçamos alguns paralelos entre elas e as Regras de Formação de Palavras (RFPs) da teoria gerativa. Através de alguns exemplos, subsidiados por análises de Basílio (1997 e 2010), vemos que as considerações presentes no CLG ainda são de extrema importância para resolver muitos de nossos atuais impasses descritivos.

Palavras-chave: Analogia; Curso de Linguística Geral; Regras de Formação de Palavras.

Abstract: In this paper, we elucidate some important concepts of the Saussurean theory, such as the syntagmatic and associative relations, with the purpose of understanding better the phenomenon which is central in our analysis here: the analogy. With this aim, we recapture the central ideas relative to the analogy present in the Course in General Linguistics (CGL) and we also trace some parallels between them and the Word Formation Rules (WFR) from the generative theory. Through some examples, subsidized by the analysis of Basílio (1997 and 2010), we see that the considerations present in the CGL are still very important to resolve many of our current descriptive impasses.

Keywords: Analogy; Course in General Linguistics; Word Formation Rules.

Palavras Iniciais

O Curso de Linguística Geral (doravante CLG) é ampla e superficialmente conhecido por suas dicotomias: língua/fala, sintagma/paradigma, significante/significado e sincronia/diacronia. Através de uma leitura mais acurada, tanto do CLG como dos Escritos de Linguística Geral, podemos perceber que essas dicotomias não se sustentam e apresentam mais um valor didático-pedagógico, na tentativa de explicitar uma epistemologia nova e diversa de tudo que já se havia feito até então. Por meio da elaboração de uma teoria de linguística (Cf. NORMAND, 2007), Saussure, para leitores mais atentos, mostra a fluidez de conceitos como língua e fala, sintagma e paradigma (que, originalmente, surge como 'associativo'), sincronia e diacronia, etc. Neste trabalho, pretendemos refletir sobre essas dicotomias através do

1. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre – RS. E-mail: camidebona@gmail.com. Este trabalho foi realizado com o apoio do CNPq – Brasil.

processo de formação de palavras, levando em conta os subsídios que a teoria saussuriana nos fornece para melhor entendê-lo, teoria essa que nada mais é que uma teoria do sentido.

Primeiramente, na seção 1, procuramos elucidar alguns conceitos importantes da teoria saussuriana, tais como as relações sintagmáticas e associativas, para melhor podermos compreender o fenômeno que se faz central em nossa análise neste trabalho, qual seja, o fenômeno da analogia. Em seguida, na seção 2, retomamos as ideias centrais concernentes à analogia presentes no CLG para depois, na seção 3, traçarmos alguns paralelos entre a analogia e as Regras de Formação de Palavras (RFPs) da teoria gerativa. Através de alguns exemplos, subsidiados por análises de Basílio (1997 e 2010), procuramos refletir sobre qual abordagem é capaz de melhor descrever e analisar a formação de novas unidades lexicais.

Relações Saussurianas

"Na língua, tudo se reduz a diferenças, mas tudo se reduz também a agrupamentos" (CLG, 2006, p.149)

A ideia de 'relação' sempre foi de extrema importância na teoria saussuriana. Comumente, sabemos que o CLG propõe a existência de duas diferentes relações presentes na língua, cada uma das quais sendo responsável por certa ordem de valores. A primeira delas, conhecida como relação sintagmática, é baseada no caráter linear da língua, excluindo a possibilidade de pronunciarmos dois elementos ao mesmo tempo. Em relação ao seu valor, um signo só o adquire porque se opõe ao que o precede ou ao que o sucede quando posto em um sintagma. Por outro lado, quando fora do discurso, as palavras também se associam na memória, formando grupos 'dentro dos quais imperam relações muito diversas' (CLG, 2006, p.143)¹. Essas relações são diferentes da relação sintagmática, pois fazem parte de uma série virtual presente no cérebro de cada indivíduo; a essas últimas, chamamos de relações associativas. A noção de relação associativa saussuriana é bastante abrangente; muito mais abrangente do que a noção de paradigma cunhada pelos estruturalistas². A figura 1 abaixo, presente em *Saussure: Une Science de la Langue* (GADET, 1996, p. 94),

Temos, pois, dois tipos de agrupamentos. Ao representarmos a palavra 'des-fazer' linearmente, temos uma representação correspondente à cadeia de fala; mas, simultaneamente, e sob outro eixo, temos em nosso subconsciente uma ou mais séries associativas que apresentam um elemento em comum com o sintagma 'desfazer'. Esse elemento em comum, como já vimos, pode ser o radical da palavra (fazer, refazer, contrafazer), sua semântica (destruir, depreciar, anular), seus afixos (descolar, deslocar, descoser) ou, simplesmente, formas fônicas iniciais idênticas (despesa, desinência, desolar). 'Desfazer', mais estritamente, não seria analisável se outras formas contendo 'des' ou 'fazer' desaparecessem da língua; não seria mais que uma unidade simples sem que suas partes pudessem se opor uma à outra. É nesse jogo que podemos ver o quão imbricadas as relações sintagmáticas e associativas estão, ambas atuando simultaneamente.

Esse caráter bastante amplo das relações associativas, como muito bem representado por Gadet (1996), ao figurar o signo como centro de uma constelação, é responsável e licenciador de muitas criações sintagmáticas inovadoras na língua. Claudine Normand (2002), em seu precioso texto 'Sentido ou sentimento linguístico ou o contágio da negação', tece algumas reflexões acerca da fala de um *charcotier*, o qual havia dito, se referindo ao seu aprendiz, que 'ele não progride, ele degride' (*Il ne progresse pas, Il degrèsse*). Tanto no francês quanto no português, entende-se facilmente esse 'degride' como contendo um semantismo muito semelhante, se não o mesmo, ao atestado em 'regride' (no francês, *regrèsse*), com a ideia de retrocesso, atraso. Muitos falantes, aliás, sequer estranhariam a construção com um suposto prefixo /de-/ ao invés de /re-/. Como poderíamos explicar isso, sendo que /-gride/ sequer figura como radical isoladamente? Normand, inicialmente, aponta que a construção lhe pareceu um claro exemplo de analogia. Em análises posteriores, a pesquisadora reconhece que não lhe foi possível encontrar um único exemplo que ilustrasse o princípio da quarta proporcional³, tão caro aos fenômenos analógicos, em que temos /pro-/ com sentido de avanço e /de-/, no mesmo radical verbal, com sentido de atraso. Ainda assim, está presente em muitos vocábulos a construção com /de(s)-/ em que ele figura com um sentido negativo e depreciativo. Temos atestado, em português, o prefixo /des-/ com a ideia de oposição, negação e falta, como em *desamor*,

desarmonia, desconfiança; temos, também, a atestação de /des-/ em verbos de ação-processo com o semantismo de 'reversão', como em *desligar, desconectar, desamarrar*, etc. Além disso, temos em vários vocábulos, mesmo não apresentando status de prefixo, /de-/ e /des-/ figurando como simples porções fônicas em palavras negativas:

Observaremos, além disso, que o uso da língua assemelha, sem grandes razões etimológicas, palavras como *dejeito, detrito, destruir*. Passando de um deslocamento descendente (...) para a expressão da supressão pura e simples, o prefixo de- se carregou assim de um semantismo globalmente negativo que foi comunicado, por uma espécie de contágio homofônico, a numerosos termos que começam com de-, mesmo quando estes últimos não dependem de nenhuma segmentação razoável. (NORMAND, 2002, p.4)

Para corroborar essa afirmação, Normand lança mão de inúmeros exemplos de palavras iniciadas por /de(s)-/ que remetem a um semantismo negativo, como em *decepcionado, degradingolado, desapontado, deteriorado, demolido*, mas que não apresentam possibilidade de segmentação de /de-/ como prefixo; /de/, nesses exemplos, é simplesmente um significante, uma porção fônica não segmentável.

Voltando à apresentação inicial desta seção, o exemplo dado por Normand é muito representativo da ideia de 'termos como centros de constelações'. Mesmo /de-/ não figurando como prefixo em muitos vocábulos, mesmo que esse /de-/, muitas vezes, seja simplesmente parte do radical das palavras, há um eco na memória dos falantes da potencialidade semântica de /de-/, eco que remete a inúmeras palavras negativas, sendo essas formadas ou não por prefixo. E foi essa relação associativa que tornou possível e perfeitamente compreensível o sintagma 'degredir'.

A falta da existência de uma quarta proporcional para 'degredir' impediu Normand de classificar a neologia analisada como analogia. No entanto, se considerarmos analogia mais amplamente, como uma simples relação de semelhança, fica claro que houve um processo

³ Por meio da utilização da noção de quarta proporcional, Saussure explica a ação da analogia na língua. O modelo matemático é o seguinte: $A/B = C/X$. Se A, B e C são conhecidos, a dedução de X é automática. Se temos *oratorum/honor = honorem/x*, deduzimos que $x = honor$, e não *honos*. A quarta proporcional fornece uma explicação bastante satisfatória acerca do funcionamento da analogia na língua, principalmente quando temos, através dela, a substituição de um item lexical com respaldo etimológico. O exemplo *honor* é retomado na subseção seguinte.

analógico do *charcotier* ao analisar esse /de-/ como carregado de um semantismo negativo, pois leva em conta tantos outros vocábulos que estão presentes em seu repositório associativo. Na próxima seção, então, abordaremos mais detalhadamente as ideias presentes no CLG relativamente ao fenômeno analógico.

Revisitando o Conceito de Analogia presente no CLG

No CLG, a analogia é definida como uma forma feita à imagem de outra, ou de outras, segundo uma regra determinada, sendo a partir da própria analogia que as modificações normais do aspecto exterior de palavras que não sejam de natureza fonética são reveladas (CLG, 2006, p.187). Um exemplo presente no CLG e citado também por Gadet (1996) em *Saussure: Une Science de la Langue*, é o nominativo latino *honor* que, a princípio, fazia parte do par *honosem: honos*, sendo que o primeiro do par, por uma alteração fonética de rotacismo, alterou-se para *honorem*; posteriormente, à semelhança de *oratore: orator*, fez-se o par *honorem: honor*. Para contrabalançar, pois, a ação diversa da mudança fonética por rotacismo, a analogia unificou as formas e reestabeleceu a regularidade através do surgimento de *honor*, a quarta proporcional (CLG, p.188).

Com isso em vista, a analogia está a favor da regularidade, com tendência à unificação dos processos de derivação e flexão. No entanto, como está presente no CLG, podemos dizer que 'ela tem seus caprichos', já que não se pode dizer de antemão até onde irá a imitação de um modelo, nem quais são os tipos destinados a provocá-la: nem sempre as formas mais numerosas são as que desencadeiam a analogia e, por vezes, duas ou três palavras bastam para criar-se uma forma geral (CLG, p.188/189).

Se, para os primeiros linguistas, a natureza do fenômeno da analogia era uma irregularidade, tendo em vista que se afastava de uma 'forma ideal', na ilusão de existência de uma forma original, os neogramáticos foram os primeiros a atribuir à analogia um lugar de destaque, mostrando como ela contribui para a evolução das línguas, através da sucessão de diferentes estados de organização. Enquanto que a mudança fonética nada introduz de novo no sistema, pois anula a forma que a precedeu, a forma analógica não acarreta

necessariamente o desaparecimento da sua anterior. *Honos* e *honor* coexistiram por algum tempo até que, por repugna da língua em manter dois significantes para um só significado, a forma menos regular, qual seja *honos*, desapareceu. Com isso, temos que a inovação analógica e a eliminação da forma antiga são dois processos distintos, já que o primeiro não acarreta, necessariamente, o segundo. Quando há eliminação, podemos dizer que houve mudança e, quando não há, dizemos que houve apenas criação. No entanto, temos que ter em mente que a criação é a característica primeira da analogia; se, por consequência disso, teremos mudança ou não, isso já advém de outros fatores, fazendo parte de outro processo.

Através da noção de que o princípio da analogia se confunde com o das criações linguísticas em geral, é importante termos em mente que ela é de ordem gramatical, 'ela supõe a consciência e a compreensão de uma relação que une as formas entre si'. Além disso, a criação pertence, inicialmente, à fala, sendo obra ocasional de uma pessoa isolada. No entanto, para essa obra ocorrer, é necessário que essa pessoa faça uso do repositório coletivo de formas e de possibilidades de concatenação, ou seja, é necessário fazer uso da língua. A analogia, então, subverte a dicotomia língua/fala, pois mostra todo o sistema da língua acontecendo na fala:

Toda criação deve ser precedida de uma comparação inconsciente dos materiais depositados no tesouro da língua, onde as formas geradoras se alinham de acordo com as suas relações sintagmáticas e associativas. (...) Uma palavra que eu improvise, tal como indecorável, já existe em potência na língua; encontramos-lhe todos os elementos em sintagmas como decor-ar, decor-ação : perdo-ável, manej-ável : inconsciente, in-sensato etc., e sua realização na fala é um fato insignificante em comparação com a possibilidade de formá-la. (CLG, 2006, p.192-193)

É claro que, no que tange ao falante, não se supõe que ele estabeleça operações complicadas de analogia, como as análises de gramáticos em relação à quarta proporcional (assim como no exemplo de *honor* dado acima). Além disso, a quarta proporcional não é o único método utilizado por linguistas no estudo da língua, pois a criação analógica pode se basear tanto na imitação de um padrão já existente na língua quanto na análise de elementos que formam as palavras.

A analogia também ocupa um lugar importante na teoria da

evolução da língua. Para qualquer forma ser capaz de entrar na língua, essa deve ser experimentada na fala e isso se aplica muito propriamente nas inovações analógicas; para *honor* poder competir com *honos*, é necessário que uma pessoa a improvise, que outras a imitem até que a nova forma seja imposta no uso. No entanto, nem todas novas criações analógicas têm esse mesmo futuro, já que muitas ficam limitadas a enunciações esparsas e individuais, assim como as analogias feitas pelas crianças, que extraem uma forma regular e a aplicam até para casos irregulares, como é o caso de 'fizi' em português. A língua, pois, vai reter apenas uma porção mínima das criações da fala, mas, com o passar do tempo, a soma dessas criações é capaz de conferir a ela uma diferente fisionomia. É no momento em que temos novas formas sendo cunhadas e formas antigas sendo eliminadas que a analogia passa a ocupar um lugar determinante na transformação das línguas.

Ademais, o fenômeno da analogia não pode ser visto estritamente como matéria de renovação; ela é, também, matéria de conservação, tendo em vista que a maioria das palavras, ao constituírem combinações novas de elementos, faz uso de elementos mesmos que foram arrancados de formas mais antigas. As formas da língua se mantêm, pois são refeitas analogicamente sem cessar. O CLG aponta que as únicas formas sobre as quais a analogia não tem poder são palavras isoladas, como nomes próprios e de lugares. Com isso, temos que:

A conservação de uma forma se deve a duas causas: o isolamento completo ou o estreito enquadramento num sistema que, tendo permanecido intacto em suas partes essenciais, vem-lhe constantemente em socorro. É no domínio intermediário das formas insuficientemente sustentadas por sua vizinhança que a analogia inovadora pode manifestar seus efeitos. (CLG, 2006, p.201)

Como vimos, pois, O CLG, em sua primeira publicação, já em 1916, aponta caminhos muito lúcidos para a consideração de formação de novas palavras e análise das mesmas. Na próxima seção, faremos referência a alguns estudos atuais acerca da formação de novas palavras, demonstrando como o conceito de analogia se faz muito presente até então e se mostra, ainda, uma das melhores formas de explicação e explicitação de vários fenômenos instanciados no léxico.

A analogia na constituição do léxico

Em um artigo publicado em 1997, Margarida Basílio analisa o princípio da analogia como uma alternativa às Regras de Formação de Palavras (RFPs) para melhor descrever os fenômenos lexicais. As RFPs são regras regulares da teoria gerativa que operam sobre palavras previamente existentes, interpretando suas estruturas e/ou formando novas palavras. A análise vigente na área considera que uma RFP é capaz de definir construções lexicais possíveis através da postulação de uma operação fonológica sobre uma base categorial que seja morfológica e semanticamente especificada, tendo, como produto, um item lexical morfológica, semântica e categorialmente especificado (BASÍLIO, 1997). A diferença entre as RFPs⁴ e as produções analógicas (PA) está no fato de que, para operarmos com uma PA, não há necessidade de elementos delimitados e categorizados, pois a quarta proporcional pode operar com qualquer elemento que se conforme à sua estrutura básica. Além disso, as PAs são capazes de dar conta não apenas da produtividade lexical, como também da criatividade linguística, o que as RFPs não conseguem abarcar. Como explicaríamos o neologismo presente em Guimarães Rosa 'enxadachim' através de RFPs? Teríamos que postular uma regra de adição de /-chim/ a substantivos indicadores de instrumento. No entanto, sabemos que isso é um tanto absurdo e não condiz com a realidade da língua. Se recorrermos à explicação analógica, só precisamos de um mínimo conhecimento prévio de duas palavras que tenham uma parte em comum: espada/espadachim: enxada/x.

Basílio (1997) aponta que a identificação morfossemântica parece ser mais importante que a recorrência da construção. Havendo, simplesmente, uma relação lexical, podemos utilizá-la numa formação analógica: se nas RFPs temos um determinado tipo de estrutura pressuposto, as produções analógicas são mais livres, apresentando mais possibilidades de realização. Com isso em vista, temos que as RFPs são subconjuntos das construções lexicais, incapazes de abarcar criações literárias, desvios estatísticos que provoquem estranhamento, humor, reflexão, como a analogia é capaz de fazer.

Inúmeros exemplos no léxico são representativos disso. A partir do modelo de palavra *hipódromo*, surgem neologismos do tipo

namoródromo, chimarródromo, etc., as quais mantêm a noção de lugar. Se hipódromo é lugar de cavalos, namoródromo é lugar de namorar e chimarródromo é lugar de tomar chimarrão. O mais interessante nas novas construções é que o radical erudito é renovado, generalizando-se em várias construções de uso corrente.

O que chama a atenção, pois, é que um fenômeno presente e analisado no CLG quebra com várias de suas famosas 'dicotomias'. A analogia é a evidência da sincronia e da diacronia em consonância: se 'telos', do grego, significa 'longe' e é radical erudito em vocábulos como *telefone* e *televisão*, temos 'telos' como prefixo na recomposição de vocábulos como *tele-entrega* e *tele-jornal*, sendo que no primeiro exemplo 'tele' apresenta, em sua forma reduzida, a noção de 'telefone' e, no segundo exemplo, 'tele', mais uma vez em sua forma reduzida a prefixo, exhibe a noção de 'televisão'. O neologismo traz, então, a herança da língua: língua e fala, evidentemente, coexistem quando olhamos para os fenômenos analógicos.

O mecanismo da analogia capta a competência do falante no sentido de recuperar o significado e condições de operação semântica de regras, digamos, de morfologia morta e semântica viva. (BASÍLIO, 1997, p.17)

Ao defender as produções analógicas como estruturas fundamentais do léxico, Basílio traça sua argumentação através da possibilidade de unificação de uma teia de divergências presentes nos léxicos das várias línguas do mundo. Se nos detivermos apenas nas RFPs, teremos configurado um léxico apenas de formas bem-comportadas, com funções restritas e previsíveis. Se pensarmos nas produções analógicas, incluímos, além das formas previstas pelas RFPs, também construções não lineares, dada a confluência de relações sintagmáticas e associativas, além de legitimarmos o poder de criar ou ressuscitar elementos morfológicos. Basílio (1997, p. 18) finaliza sua análise dizendo que, naturalmente, 'os lógicos e gramáticos preferirão a primeira possibilidade, enquanto que os artistas, poetas e revolucionários – além dos lexicólogos - preferirão a segunda'.

Exemplos retirados de Almeida (et al., 2010) são muito representativos da criatividade de que os falantes lançam mão ao fazer seus neologismos: macumba/boacumba, madrasta/boadrasta, bêbado/

⁴ É importante destacarmos que as bases presas não são pertinentes a RFPs no sistema gerativo.

trêbado, bicha/tricha, milhão/zilhão não poderiam ser abarcados pelas RFPs. Todos esses exemplos corroboram a importância da noção de relação associativa: apesar de /ma/ em macumba e em madrasta não ser prefixo, mas apenas porção fônica, há uma analogia ao semantismo do item lexical 'má' que ecoa por trás das criações boacumba e boadrasta. O mesmo ocorre em relação a bêbado, bicha e zilhão, através da adjunção de pretensos 'prefixos' intensificadores. Assim como já discutido na seção anterior, acerca da noção presente no CLG de que a forma analógica não necessariamente anula a forma que a precedeu, nesses exemplos temos as criações linguísticas remetendo, ainda, ao item lexical original, mas lhe acrescentando uma nova propriedade, já que é fruto de mescla.

Em outro artigo de 2010, Basílio contrapõe duas abordagens no que tange ao processo de formação de palavras: a gerativa⁵ e a cognitiva. Muitas de suas reflexões trazem ecos de suas análises de 1997, em relação às RFPs e às produções analógicas. Ao pensarmos que o significado sempre foi um problema na abordagem gerativa lexicalista da formação de palavras, tendo em vista que o gerativismo é fundamentalmente uma teoria de sintaxe, temos o significado como parte de um lugar marginal na teoria. As RFPs são, da mesma forma, limitadas, pois, como já vimos, não abarcam e sequer são capazes de explicar a potencialidade e a realização de inúmeras criações neológicas. No que tange à linguística cognitiva (LC), desde seu início na década de 1980, temos a relevância da Semântica sobre a sintaxe, a condição de unidade linguística estabelecida pela consolidação do uso e a não dicotomização categorial. Todas essas características nos remetem às produções analógicas que, por serem mais livres e menos especificadas, são capazes de abarcar e explicar inúmeros neologismos.

Se, em 1997, Basílio defendeu a maior adequação descritiva e preditiva das produções analógicas em detrimento das RFPs, em artigo de 2010 a autora aponta perspectivas mais promissoras para a abordagem cognitiva em detrimento da gerativa, tendo em vista que aquela apresenta uma reflexão mais adequada dos fatores a serem levados em conta na descrição de construções lexicais complexas. Essa maior adequação descritiva e reflexiva presente tanto nas produções analógicas quanto na abordagem cognitiva⁶ se dá pela relevância dada à semântica, à língua em efetivo uso e à não necessidade de postulação

de regras de especificação categorial.

Se a abordagem cognitiva, surgida nos últimos anos do século XX, apresenta como um de seus pressupostos a relevância da semântica sobre a sintaxe, temos claro que isso não é novo. A ideia de uma gramática geral do sentido foi realizada décadas antes, ainda no início do século XX, através da criação do projeto epistemológico saussuriano.

Palavras Finais

Através deste trabalho, tencionamos trazer à tona considerações feitas no início do século XX e que se mostram, hodiernamente, ainda extremamente lúcidas e adequadas para uma acurada descrição/reflexão dos processos de formação de palavras. A consciência de que as relações sintagmáticas e associativas saussurianas são capazes de explicar inúmeros casos de neologismos, adjungida à ideia de que o princípio da analogia é capaz de legitimar e melhor explicitar variadas criações linguísticas, nos faz pensar o quanto ainda e sempre temos que voltar ao marco inaugural da linguística para, com mais embasamento, conseguirmos resolver os nossos tão atuais impasses descritivos.

Referências

ALMEIDA, Maria Lucia Leitão de; ANDRADE, Katia Emmerick; GONÇALVES, Carlos Alexandre. Se a macumba é para o bem, então é boacumba: análise morfoprosódica e semântico-cognitiva das substituições sublexicais em português. **Revista Linguística** / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 6, número 2, dezembro de 2010. ISSN 1808-835X 1. [<http://www.lettras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica>]

BASÍLIO, Margarida. O princípio da analogia na constituição do léxico: regras são clichês lexicais. **Veredas** (UFJF), Juiz de Fora, v. 1, p. 9-21, 1997.

BASILIO, Margarida. Abordagem gerativa e abordagem cognitiva na formação de palavras: considerações preliminares. **Revista Linguística** / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 6, número 2, dezembro de 2010. ISSN 1808-835X 1. [<http://www.lettras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica>]

GADET, Françoise. **Saussure: une science de la langue**. Paris, PUF, 1996.
NORMAND, Claudine. Sens et sentiment linguistique ou la contagion de la négation. In: **Bouts, Bribes: Petite Grammaire Du quotidien**. Orléans: Éditions Le Pli, 2002.

⁵ Faz-se relevante atentarmos para a ligação existente entre o Estruturalismo e o Gerativismo, tendo em vista que, em se tratando de léxico, ambos dão primazia à estrutura.

NORMAND, Claudine. **Saussure: une épistémologie de la linguistique.** Atlas de Colóquio, Séoul, 2007.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral.** 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

Recebido em 31 de dezembro de 2013.

Aceito em 05 de fevereiro de 2014.

⁶ Por motivos de escopo deste trabalho, não nos aprofundamos nos estudos cognitivistas, haja vista o nosso simples intuito de relacionar a relevância semântica por eles advogada com a ideia de analogia, presente já no CLG.